



Pacelli Henrique Martins Teodoro

Ocupações urbanas e retratos cotidianos

Ao amanhecer do sol daqui da Terra, famílias abrem os olhos, despertam-se com a água no rosto, animam-se com um cafezinho e, só assim, encaram mais um dia de luta pela frente, até chegar a noite, quando retornam à moradia e descansam para outro dia de rotina. Já nos finais de semana, toda a força coletiva é dirigida para a realização de um sonho: a construção da casa própria e/ou, ainda, a ajuda solidária à vizinhança, a fim de consolidar sua comunidade. Todavia, o medo se faz diariamente presente, perante o cessar repentino deste sonho pelas forças externas, articuladas em torno da hegemonia do poder capitalista e legitimadas por preconceitos históricos.

Na região do Isidoro, entre Belo Horizonte e Santa Luzia, em Minas Gerais, o dia a dia de pessoas que moram em três ocupações urbanas, a saber, Vitória, Esperança e Rosa Leão, não se distancia muito da atual e dura realidade nacional e seu déficit habitacional absoluto somado em 5.792.508

domicílios (Minas Gerais, 2014), ao menos por um relevante diferencial: batalhas diárias de cidadãs e cidadãos para fazer cumprir seu direito constitucional à moradia, por não aceitarem o ônus excessivo do aluguel nem se sujeitarem à coabitação familiar. E os retratos cotidianos desta mobilização civil são ocultados, abafados, calados, enfim, dissimulados por discursos público-privados, uma parceria que visa a desmobilizar a organização social e prosseguir com a produção da cidade pelas práticas mercadológicas e empresariais.

Durante a trajetória acadêmica, a popularização da ciência sempre se apresentou como uma incógnita pessoal (como proceder?) e, na área de humanas e sociais aplicadas, um compromisso profissional. Na graduação, a monografia foi gravada em mídias móveis e distribuída em eventos científicos, ao passo que na pós-graduação, a tese foi publicada em formato de livro, mas a inquietação particular não cessou, pois os feitos, que ficaram restritos

a um só campo do saber, como podem ser notados? Afinal, de que modo alcançar o campo popular?

Em meados de 2014, uma resposta para as perguntas postas começou a ser delineada no final da residência pós-doutoral. O recurso audiovisual foi inesperadamente apresentado como uma solução, no momento em que a frustração caminhava novamente para “terminar a pesquisa e depositá-la na biblioteca”. Assim, o planejamento de um documentário renovou o fôlego de estudos, e seu produto (Isidoro, 2014) somou ao trabalho escrito.¹ A produção de Isidoro – quando o discurso dissimula o cotidiano fundamentou-se na reunião entre a teoria e a prática, esta por via de entrevistas com representantes de cerca das oito mil famílias das ocupações Vitória, Esperança e Rosa Leão

¹ A pesquisa contou com o auxílio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (bolsa de Pós-doutorado Júnior – Programa Básico de Planejamento Urbano e Regional, processo 160002/2012-5).

e, também, da rede organizacional e técnica, como as Brigadas Populares, a Comissão Pastoral da Terra, os Arquitetos Sem Fronteiras do Brasil e o Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas, além da comunidade Dandara.² As filmagens ocorreram no inverno de 2014, nos dias 2, 4 e 5 de agosto.

O recurso visual se fez presente na realização do documentário, particularmente por causa da fotografia ter uma realidade própria, “[...] construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado [...]” (Kossoy, 1999, p. 22). Esta realidade interior dá sentido à expressão imagética desejada e, por conseguinte, vem a contribuir com a linguagem escrita. A partir da essência dos registros fotográficos, as ocupações ganham sujeitos personificados, cujos rostos evidenciam marcas do dia a dia, da vida. E distintos sentimentos podem ser identificados pelos semblantes capturados, porém, como idealizador da realidade dos documentos, o conteúdo sentimental mais demonstrado pessoalmente e, portanto, marcante é o da esperança – esperança de sensibilizar autoridades e permanecer naquele cantinho.

Por outro lado, os retratos cotidianos apresentados são dissimulados por discursos do poder municipal e da Granja Werneck S/A, um grupo empresarial que requer a posse privada de mais de um terço da região, com o total aproximado de 933 hectares. Legalizada pela Operação Urbana do Isidoro (Belo Horizonte, 2010), esta parceria público-privada é encarregada de idealizar uma ocupação planejada, ordenada, racional e sustentável, com a preservação do meio ambiente, como a solução forçosa para proibir e inibir as invasões desorganizadas, irregulares, vandalizadas e não desejáveis, as quais são responsáveis pela devastação ambiental. Esta criminalização ambiental e sua perversa acusação, isto é, a de culpa da degradação ecológica seria de pessoas mais pobres, aproximam-se, até mesmo, de uma criminalização da pobreza (Teodoro, 2014).

Embora seja uma culpabilidade historicamente falsa, a sobreposição do argumento ecológico sob o social desaparece quando você anda nos territórios Vitória, Esperança e Rosa Leão e, rapidamente, as moradoras e os moradores veem e seguem a conversa com a seguinte frase de efeito: “Aquela ali é minha casa... Está vendo? Passa lá depois!”. Estranhado por

muitos e menosprezado por alguns, este orgulho é acompanhado pela luta histórica: o questionamento do preponderante valor de troca do espaço, firmado em seu lucro e proveito, e a conquista simbólica de um pedaço de terra, um direito renegado há muito tempo. E, desta maneira, manifesto a profunda gratidão a guerreiras e guerreiros das ocupações do Isidoro, por seus protagonismos ajudarem a refletir sobre alteridade e, assim, quebrar preconceitos – um sentido para a popularização a ciência. Acreditem, suas lutas continuam a iluminar minhas noites e fortalecer meus dias, mesmo distante fisicamente. #Resistezidora

REFERÊNCIAS

- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Lei n. 9.959, de 20 de julho de 2010. Altera as leis n. 7.165/96 e n. 7.166/96, estabelece normas e condições para a urbanização e a regularização fundiária das Zonas de Especial Interesse Social, dispõe sobre parcelamento, ocupação e uso do solo nas Áreas de Especial Interesse Social, e dá outras providências. Belo Horizonte, 2010.
- Isidoro – quando o discurso dissimula o cotidiano. Roteiro: Pacelli Teodoro. Direção: João Freitas. Belo Horizonte: F Imagens, 2014. 1 vídeo digital HD (146 min.), on-line, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hbwr0aSwhFk>>. Acesso em: 26 ago. 2015.
- KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê, 1999. 152 p.
- MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão. Fundação João Pinheiro. Centro de Estatística e Informações. Déficit habitacional no Brasil 2011-2012: resultados preliminares. Belo Horizonte: Ed. FJP, jun. 2014. 19 p. (Nota técnica, 1).
- TEODORO, Pacelli H. M. O urbanismo ambiental e os projetos de cidade: ecológica, sustentável e saudável. 2014. 135 f. (Pós-doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

2 Recomenda-se o documentário “Dandara: enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito” (2013), por Carlos Pronzato.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FQ4zbXaZHGy>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

Pacelli Henrique Martins Teodoro é licenciado, bacharel e doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professor Adjunto da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). pbmteodoro@hotmail.com ■





